

D

E S C R I T O S

quase

P A R A

último

E T R A Z

sum

Q U A A S S A

Va
ran
da



ESCRITOS PARA ETRAZ-QUASSA

O quase último Aum

ULISSES B.R.

D

e s c r i t o s

quase

p a r a

último

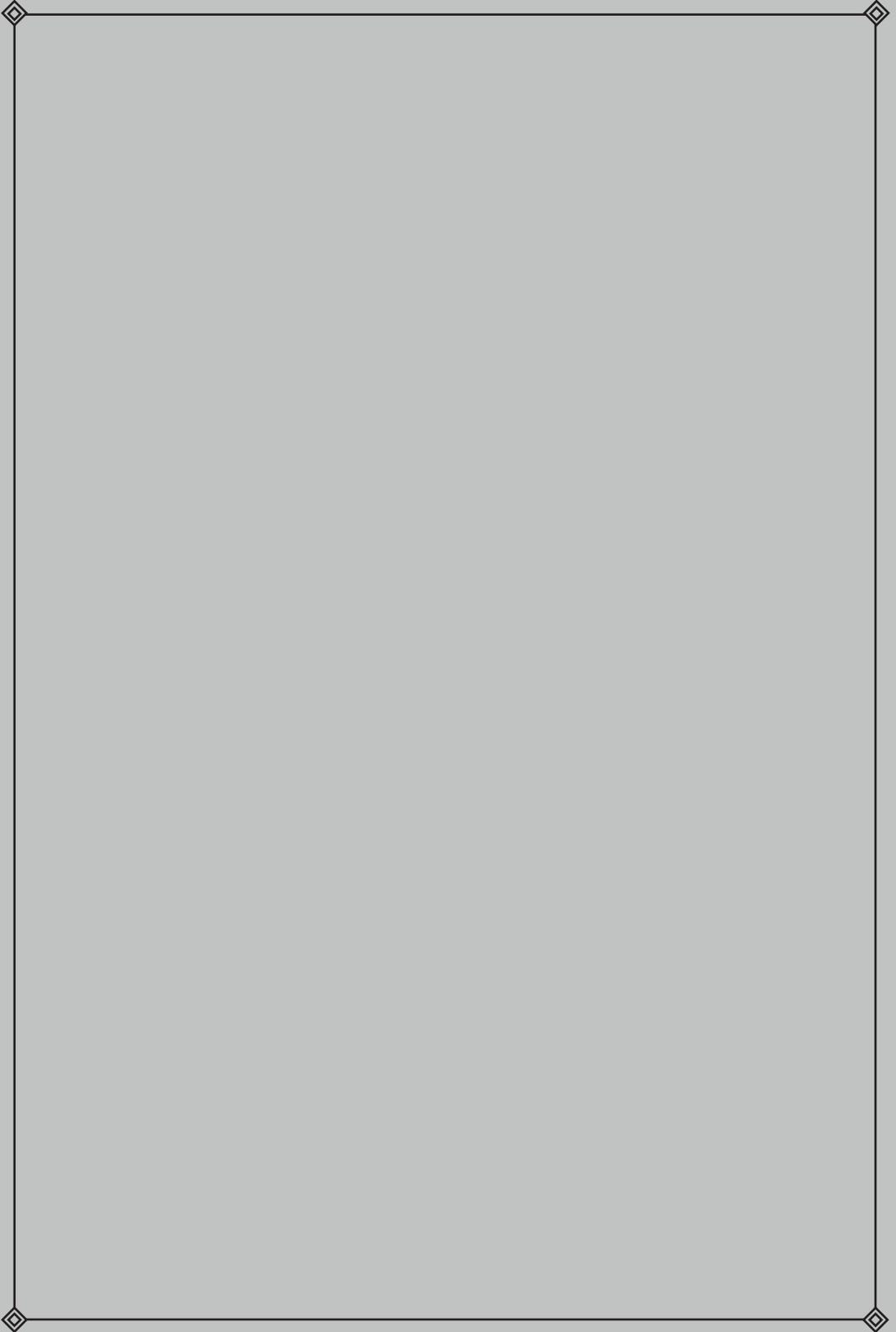
e t r a z

sum

q u a s s a

va
ran
da

Para minha mãe, Edir, que me ensinou sobre o Quaassa.



D
E S C R I T O S
quase
P A R A
último
E T R A Z
Aum
Q U A A S S A

tra(du)zido para o Português Brasileiro por
ULISSES B.R.

¹ **dimor** [Olaam antigo] – *quase; talvez*. É uma palavra de ambígua tradução, pois pode significar tanto “quase”, quanto “talvez”. Como é característico da organização sintática do Olaam antigo, as palavras são influenciadas semanticamente por suas vizinhas, de modo que a leitura do texto-contexto é o que possibilita a melhor tradução de alguns vocábulos. No entanto, no caso da tradução desse título, confesso que a escolha pelo “quase” foi mais intuitiva do que racional, já que a palavra “talvez” também caberia perfeitamente no texto e no contexto. [UBR]

ESCLARECIMENTOS SOBRE O ESTABELECIMENTO DESTA TEXTO

Esta versão em Português Brasileiro [língua comum do Brasil no século XXI — Calendário Ocidental] foi estabelecida por mim, Ulisses B.R., com tradução feita diretamente do Olaam antigo. As notas explicativas por mim escritas vão acompanhadas da notação **[UBR]**.

A versão em Olaam antigo, feita por Ud-meguima, é talvez a mais importante e mais conhecida dos “Escritos para Etraz-Quaassa”. Considerando-se que não se sabe, ao certo, em quais línguas os textos foram originalmente estabelecidos, a tradução de Ud-meguima é tida como a principal, uma vez que foi feita a partir de outras versões, em línguas das quais Ud-meguima era conhecedor. É válido ressaltar que não há mais versões desses escritos em Kartu. É certo que, em algum momento, houve alguma, mas ela já se perdeu.

As notas feitas por Ud-meguima foram mantidas por mim — seguindo a opção de outros tantos tradutores —, pois, além de elucidativas, elas revelam o caminho feito por ele para constituir o texto. Ademais, fica evidente que o próprio Ud-meguima era um grande apreciador de notas explicativas, uma vez que suas referências ao Kartu vieram de notas de outros tradutores. As notas de Ud-meguima vêm acompanhadas da notação **[UDM]**.

As anotações de Ud-meguima nos levam a crer que a versão em Olaam antigo, apesar de tão rica e tão referenciada, foi feita às pressas. Algumas marcas no texto deixam subentendido que Ud-meguima revisaria sua versão após completar a tradução dos “Escritos para Etraz-Quaassa”, bem como faria outras notas explicativas.

No entanto, conforme indicação muito pertinente da historiadora Rub Alcr, “o mais provável é que, quando um volume acabava de ser traduzido por Ud-meguima, ainda em sua versão primária, ele logo era enviado por Cola Nisa para fora de Orrama e, claramente, foram essas as versões que sobreviveram”.

Dedico esta versão a ele, Ud-meguima, guardião-semeador destas palavras curativas.

Com honra, para Tales, Nuna, Vert-Klor e para todos os outros Aés.

Etraz-Quaassa. Agora. Terra.

ULISSES B.R.

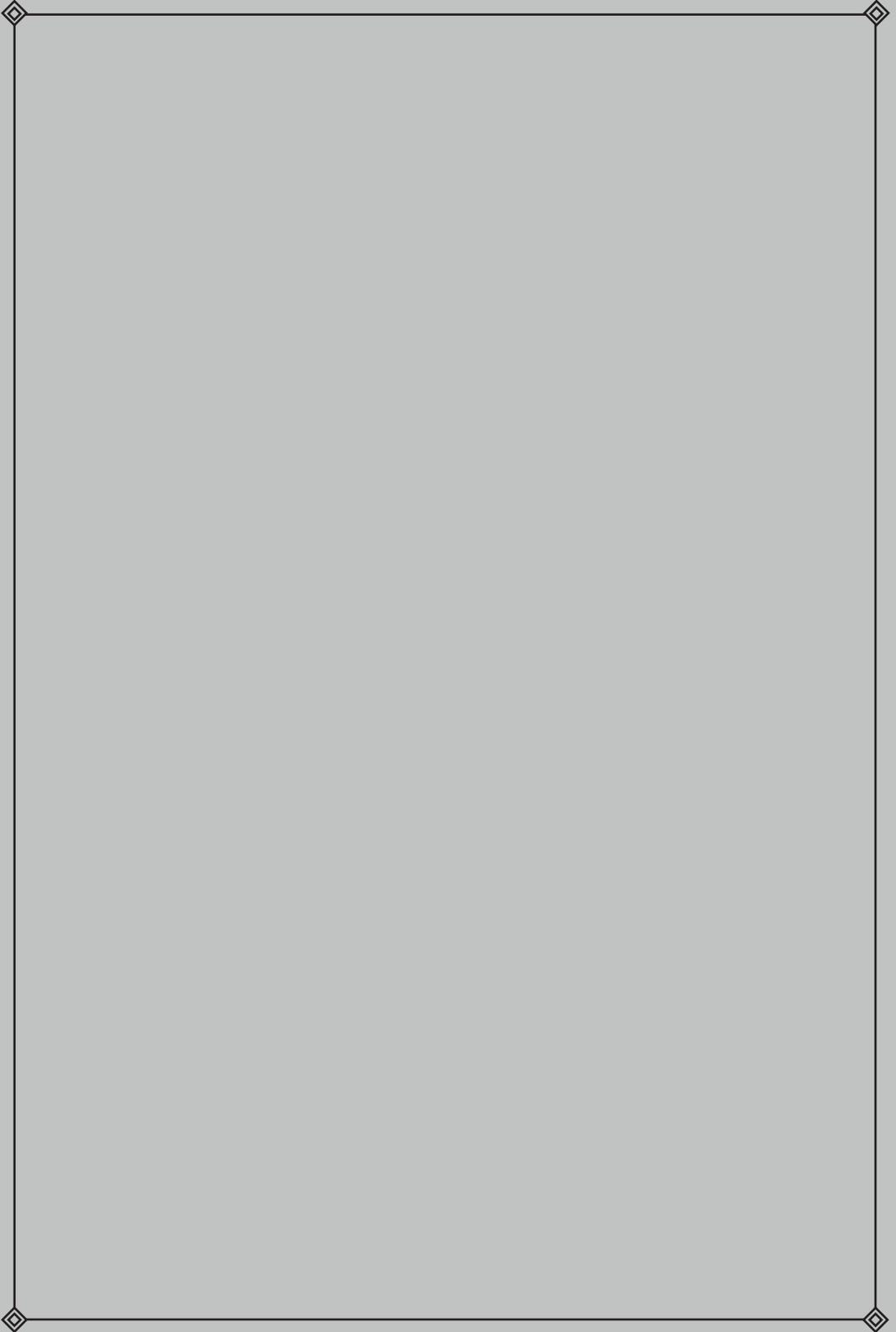
ᄁᄃ ᄆᄃᄆᄆᄆ ᄆᄆᄆ ᄃ ᄆᄆᄆᄆ ᄆᄆᄆᄆᄆᄆᄆᄆ

Não posso lhe dizer muito sobre os "Escritos para Etraz-Quaassa" em virtude de minha própria ignorância. Não conheço os lugares, nem os tempos de onde vieram. Também não posso precisar seus autores, nem seus tantos tradutores. Não posso sequer dizer quantos escritos são. Ela me conta que podem ser infinitos, mas confiou-me apenas estes dez, como se fossem os únicos. Tenho trabalhado diuturnamente, como tradutor e copista, para ser capaz de traduzi-los a tempo. Espero que eles cheguem até você, seja você quem for.

Este é o segundo dos "Escritos para Etraz-Quaassa", livro primeiro das "Crônicas de Ungurae", nomeado por outrem de "O quase último Aum", no qual é relatado o início da Saga de Tales.

Etraz-Quaassa. Hun-nevos. Aqui.

UD-MEGUIMA





D quise último Dum

Eu não tenho medo da palavra difícil.
[surid-ram *Aurora*, Unman]

Capítulo 1

Aquí

Você já se sentiu fora e dentro ao mesmo tempo? Perto e longe? Livre, mas preso? Seguro, mas ameaçado? Angustiado, mas potente? Você já respirou desejo e medo no mesmo instante? Você já olhou ao seu redor e percebeu que fazia parte de um mundo e, ainda assim, sentiu-se como se fosse um estrangeiro, alguém fora do lugar?

Quando Tales colocava seus *ouvidores perto da cabeça*² e andava pelas ruas da cidade, era assim que ele se sentia. O ritual de escolher a *playlist*³ era parte do seu dia. Na hora de ir para o colégio, essa era a última coisa que fazia antes de sair de casa. Parava à porta da cozinha e buscava as canções que o acompanhariam nos próximos trinta minutos de caminhada. Ao voltar para casa, fazia o mesmo.

Rosa desaprovava esse hábito de Tales, pois achava que São Paulo não era uma cidade segura para um adolescente e preferia que Tales não fosse a pé para a escola, muito menos usando fones de ouvido. Chegou, inclusive, a falar sobre o assunto com o Sr. André, pai do menino, que ouviu atentamente a queixa de Rosa. No entanto, quando ele falou com Tales sobre o assunto, cedeu ao desejo do filho, pois entendera o quanto era importante aquele momento para ele, de estar consigo mesmo, perdido nas palavras cantadas por outras vozes, tentando se encontrar.

Naquele dia, especificamente, os fones de ouvido tinham sido seus companheiros fiéis. Por algum motivo, Lia e Tito, seus melhores amigos na escola, tinham faltado à aula, o que lhe deixara de mau

² **gerathomenar** [Olaam antigo] – essa expressão pode ser traduzida como "ouvidores perto da cabeça". No entanto, optei por traduzi-las, nas próximas ocorrências, como "fones de ouvido", aparatos muito utilizados no século XXI, na Terra. Na maioria das vezes, tentei ressignificar e adaptar esse tipo de expressão, pois fui capaz de inferir significados e buscar palavras correspondentes. Contudo, decidi fazer notas de rodapé para algumas expressões, as quais, mesmo sendo de fácil tradução, pareceram-me merecedoras de maior destaque, pois julguei que os leitores as apreciariam. Busquei, a todo momento dessa retradução, preservar, pelo menos como indícios, as opções feitas pelo grande tradutor – e guardião-semeador – dos "Escritos para Etraz-Quaassa", o sábio Ud-meguima. [UBR]

³ **playlist** [Inglês] – palavra de língua inglesa utilizada no Brasil para designar uma lista de músicas. [UBR]



humor e sem ter ninguém para conversar. Bem, Tales não era muito de conversar. Falava pouco e, mesmo assim, só falava com as pessoas mais próximas. Todas as vezes que precisava falar com estranhos, ou mesmo com colegas de classe menos chegados, ficava meio embaraçado com as palavras. Essa timidez o deixava muito frustrado.

Aquela quarta-feira tinha sido um dia quase típico na escola. As aulas haviam sido extremamente cansativas, principalmente as aulas de História, que sempre deixavam Tales com muito sono. Aliás, ele vivia constantemente com sono. Tinha dias em que acordava já cansado, como se o sono da noite não fosse capaz de lhe aliviar o cansaço do dia anterior. Quando demorava para se levantar da cama, Rosa falava que ele estava fazendo corpo mole, que aquilo era coisa de menino preguiçoso. Mas o fato era que, para Tales, qualquer tempo livre era um potencial momento para uma soneca.

Na hora do almoço, na cantina da escola, Tales se assentou sozinho no lugar em que estava acostumado, lamentando-se pela ausência de Lia e Tito. Para não ter que interagir com outras pessoas, acionou seus fones de ouvido e escolheu uma playlist ambígua, um pouco alegre e um pouco melancólica. Resolveu mandar uma mensagem para os irmãos, mas antes de fazê-lo foi surpreendido pela aproximação de Otávio e seus colegas.

— Ué, o "príncipe" está abandonado hoje?

Todos riram da piada de Otávio. Menos Tales. Ele odiava ser chamado daquela maneira, mas era como grande parte da escola o conhecia. Na primeira semana de aula do *Ensino Médio*⁴, durante uma aula de Educação Física, uma novata da escola havia se referido a ele como o príncipe do 1º ano. Depois disso, ambos foram ridicularizados por causa do acontecimento. Porém, Tales experimentava um sentimento misto em relação àquele episódio: ao mesmo tempo em que se sentia observado e tentava ignorar o deboche dos outros alunos, gostava de perceber que começaram a olhá-lo de outro jeito, como se ele fosse bonito. E Tales gostava de se sentir bonito.

Tales era bonito. Sua pele era de um marrom homogêneo e luminoso; parecia que tinha sido polido. Tinha os cabelos lisos, grossos e ondulados, os quais mantinha sempre curtos, pois assim davam

⁴ As anotações de Ud-meguima, em sua urgente tradução para o Olaam antigo, são seguidas de explicações sobre suas escolhas de palavras e expressões, o que me permitiu inferir muitas informações e deduzir tantas outras, como esta, de que Tales cursava o 1º ano do Ensino Médio, no final da década de 20, no século XXI — Terra/Calendário Ocidental. [UBR]



menos trabalho, principalmente após os treinos de natação. Aliás, o exercício diário do esporte, o qual praticava desde a infância, havia moldado seu corpo de uma maneira sólida e leve, fazendo dele um rapaz mais forte do que os colegas da sua idade.

Mas o que fazia de Tales um rapaz tão bonito eram os seus olhos e sua voz. Tinha olhos grandes, com as íris pretas como jabuticabas, e sempre olhava atentamente para quem estivesse falando com ele. Além disso, sua voz era grave e gentil, e ele sempre fazia uso dela com parcimônia, falando pouco e suavemente. Essas características faziam com que muitos alunos achassem mesmo que Tales era um príncipe, mesmo sem nunca terem trocado uma palavra com ele.

— Ficou "mudinho" também?

Otávio começou a fazer sinais e caretas exageradas, como se estivesse conversando com Tales. Aquela era uma provocação vil, pois Otávio estava debochando de Tito, que era surdo. O melhor amigo de Tales havia perdido a audição em um acidente, quando ainda era pequeno. Por isso, os três — Tito, Lia e Tales — eram sempre vistos gesticulando, pois se comunicavam em *Libras*⁵, que era a língua brasileira de sinais.

O primeiro instinto de Tales, ao ouvir Otávio caçoar do amigo, foi lhe dizer o quanto ele era ridículo, andando pela escola com seus *capangas*⁶, tentando intimidar os outros com piadas de mau gosto ou com ameaças. E o pior era que Otávio adorava encarnar o papel do valentão da escola, como se isso fosse realmente louvável. Tales preferiu não falar nada. Mas sinalizou. Em *Libras*, ele disse:

— Você é o maior idiota que eu já conheci.

Pela expressão no rosto de Tales, Otávio percebeu que algo havia sido dito, e que não era nada de bom a seu respeito.

— O que você falou aí?

— O quê? — Tales se fez de desentendido.

— Eu sei que você falou alguma coisa nessa língua ridícula! O que você falou? Tá me tirando, é?

Tales ficou em silêncio, encarando Otávio. Todos ficaram apreensivos porque viram que ele estava nervoso.

⁵ Tudo indica que, na Terra, havia uma variedade muito grande de línguas sinalizadas. É provável que essa, utilizada entre Tales, Tito e Lia, fosse uma específica da nação/cidade à qual pertenciam. [UDM]

⁶ **fer** [Olaam antigo] – *ajudante para o mal*. [UBR]



— Fala, moleque! O que você estava querendo dizer? Fala de novo!

Nessa hora, Otávio segurou os pulsos de Tales e tentou balançá-los, como se fosse fazer sair dali algum sinal. Contudo, imediatamente, Tales puxou os braços para si com força, arrancando-os das mãos de Otávio. O movimento de Tales foi tão brusco e tão cheio de raiva, que o corpo de Otávio foi puxado junto, e ele quase bateu com a cara na mesa. Tales se levantou do seu lugar, olhou para Otávio e disparou:

— Eu não quis dizer. Eu disse. E eu disse exatamente o que eu queria dizer.

Em outras situações, era certo que Otávio atacaria qualquer um que ousasse respondê-lo daquela forma. Porém, alguma coisa na atitude de Tales, somada à sua visível superioridade de força, fez com que Otávio se contentasse em se voltar para os amigos para fazer mais algumas piadas, que nem originais eram, pois, enquanto se afastava, Tales ouviu serem ditas as palavras “príncipe” e “mudinho”.

Depois da aula, o treino de natação foi como um bálsamo. Nadar era uma das atividades preferidas de Tales e, em dias como aquele, em que estava aborrecido, a natação era como se fosse um remédio, um que aliviava suas dores e temores.

Quando saiu da piscina, sentiu os pulsos doerem um pouco. Talvez porque Otávio os tivesse sacudido com força. Mas também porque eles doíam com frequência. Por causa de fraturas na infância, Tales teve que fazer algumas cirurgias corretivas ao longo da vida. As últimas tinham sido há uns dois anos, para substituir pinos e fios metálicos que mantinham suas mãos e braços unidos e estáveis.

Ao sair da escola, logo viu que as nuvens se fechavam no céu. Em São Paulo, *março*⁷ era um mês de muitas chuvas, o que causava transtornos na vida de milhares de pessoas. Ainda assim, Tales gostava dela. Mesmo quando estava a pé, não se importava em tomar chuva e chegar molhado aos lugares. Rosa ficava furiosa quando o via chegar em casa encharcado, andando tranquilamente, como se nada estivesse acontecendo. Tales ficava constantemente resfriado e, por vezes, tinha que tomar até *antibióticos*⁸ por conta de inflamações e infecções.

⁷ Os anos solares na Terra, na cultura de Tales, eram divididos em doze meses. *Março* era o terceiro mês do ano. [UDM]

⁸ *pezi* [Olaam antigo] – *remédio forte*. [UBR]



Todavia, sempre que via o céu ficando cinza, Tales pensava nas pessoas que corriam risco a cada chuva. No Brasil, cidade em que Tales vivia, os temporais de verão matavam centenas de pessoas a cada temporada, além de deixar desabrigadas milhares de famílias. Tales sabia muito bem disso pois seu pai, André, era um arquiteto renomado por dois motivos: construir casas para gente muito rica e reconstruir casas para gente muito pobre. O Sr. André era fundador e presidente de uma organização que trabalhava para captar recursos e mão de obra para reconstruir, de maneira segura e digna, as moradias de quem perdia tudo nas enchentes. A organização também se ocupava com inspeções preventivas e vistorias e, nos últimos anos, tinha aberto escritórios fora de São Paulo, em cidades do interior e em grandes capitais. Por isso, nessa época, Tales quase não via o pai, pois o Sr. André ou estava viajando, ou chegava em casa muito tarde, ou muito cansado, e nem sempre conseguia passar tempo com o filho.

Ainda no vestiário, Tales assentou-se um pouco para escolher a playlist que ouviria no caminho de volta para casa. Escolheu uma com músicas mais lentas. Sabia que a iminência da chuva fazia com que as pessoas se apressassem pelas ruas, para chegarem ao seu destino antes do temporal; e ele amava esse contraste: mundo agitado e música calma.

De fones no ouvido e mochila nas costas, saiu da escola pelas ruas de São Paulo. Era já final da tarde, mas as nuvens haviam escurecido a cidade, de modo que os postes e faróis já haviam se acendido. Como Tales previra, as pessoas apertavam o passo — algumas até corriam — na esperança de não serem pegas pelo temporal que se anunciava. O vento agitava as árvores e arrastava pelos ares aquilo que tivesse sido esquecido solto. Tales via tudo isso ao som de uma orquestra que executava um *largo denso e contundente*⁹.

Tales morava em um dos bairros mais nobres de São Paulo. Logo que adentrava sua vizinhança, surgiam diante de si as imponentes casas, com gramados e piscinas, nas quais moravam pouquíssimas pessoas, retrato da *desigualdade social*¹⁰ no Brasil. Tales se sentia privilegiado, o que às vezes lhe trazia alívio, às vezes, vergonha, princi-

⁹ Referência ao tipo de música que Tales escutava, provavelmente sobre suas características sonoras e estilísticas. [UDM]

¹⁰ **urimba** [Olaam antigo] – *abismo entre dois números, ou duas pessoas, ou dois planetas.* [UBR]



palmente quando ouvia as histórias que o pai contava, sobre pessoas que viviam em situações inóspitas.

A rua em que morava costumava ser silenciosa e tranquila, mas havia uma agitação naquela quarta-feira. Algum ruído competia com o som instalado em seus ouvidos. Para ouvir melhor o que se passava, Tales tirou os fones, e tudo passou a fazer mais sentido. Ele conhecia bem aqueles momentos.

Latidos e mais latidos. Vários cães sem *coleiras*¹¹ corriam pela rua, latindo de diferentes modos. Avistou também alguns gatos, que pareciam espreitar os humanos e os cães de outra maneira. Também de diferentes modos, moradores e empregados das casas andavam pelas calçadas. Tales correu em direção à sua, que ficava bem no final da rua.

No caminho, pôde entre ouvir a conversa entre duas senhoras:

— ...na rua toda! Não dá pra acreditar! Os portões todos abertos de novo! Olha essa algazarra!

— Que loucura! Esses moleques sem educação vão acabar provocando uma tragédia!

Tales ficou ainda mais alarmado com o que ouviu. Pensou logo em seu cachorro, Miro. Esses episódios eram esparsamente frequentes nas ruas do bairro em que ele morava. Naquele dia, contudo, a confusão pareceu mais acentuada, pois os trovões acrescentavam um pouco mais de dramaticidade e barulho ao tumulto.

Tales se lembrava muito bem da sensação de pânico das primeiras vezes em que isso aconteceu, quando Miro era filhote. Com o tempo, foi parando de se preocupar tanto, já que Miro foi parando de fugir. Mesmo com os portões abertos, o cão ficava no seu lugar, em casa, em estado de alerta, como que esperando por seu dono.

Quando se aproximou de casa, viu que o portão lateral estava mesmo aberto, mas tranquilizou-se ao ver que Miro o aguardava, de pé, ofegante, com seu rabo dourado¹² agitado pela confusão de latidos e vozes.

Mal Tales pisou no quintal e os grossos pingos começaram a cair. O ribombar de um trovão repentino deu um susto em Tales e em Miro, que correram para a varanda dos fundos. Miro odiava tempestades. Por vezes, ficava tremendo na varanda, abrigado entre os móveis

¹¹ **varma** [Olaam antigo] – *domador de espécies*. [UBR]

¹² Miro era, provavelmente, um labrador macho adulto, de cor bege clara. [UBR]



de palha. O desejo de Tales era trazê-lo para dentro de casa, mas seu pai o havia proibido de fazer isso.

Tales abriu a porta que ligava a varanda à cozinha e já se preparava para entrar quando Miro se enroscou em suas pernas.

— Ei, amigão! Calma, eu vou ficar aqui perto de você.¹³

Certo de que havia sido entendido, Tales adentrou a cozinha, ao que Miro veio ao seu encalço, correndo para dentro de casa. O cachorro foi em direção à porta que levava à sala e parou por ali, olhando para o dono.

— Nem pense nisso, Miro! — Tales falou em tom de autoridade.

No entanto, o cachorro não parecia ter vontade de ir pela casa adentro.

— Miro, vamos! Já pra fora!

Mas o cachorro o olhava diretamente nos olhos, como que tentando dizer alguma coisa.

— O que você quer, Miro?

Tales olhou para fora e viu que havia comida e água suficiente nas tigelas de Miro.

— Você está assustado, amigão? — Tales foi até a ele e lhe fez um afago. — Então você pode ficar aqui na cozinha comigo enquanto eu como. Essas chuvas não duram muito.

Tales abriu a geladeira e viu que Rosa havia preparado sanduíches e suco de goiaba, que era seu preferido. Rosa era *empregada doméstica*¹⁴ da família desde muito antes de seu nascimento. Após o sumiço de sua mãe, quando ele tinha três anos, em Recife, Rosa assumiu também a função de cuidar-lhe. Tales colocou os sanduíches sobre a mesa e serviu-se de suco. Já estava quase assentado na cadeira, quando Miro saltou e latiu em direção à sala.

— Que foi, amigão?

Miro correu pela porta da cozinha e saiu pelo quintal. De lá, mirando o segundo andar da casa, o cachorro latia freneticamente para o quarto do Sr. André, como se tivesse visto alguém dentro da casa. Tales sabia que Miro, como muitos cachorros, inquietava-se com a presença de estranhos, mas também sabia que o cachorro, mui-

¹³ Os animais na Terra não falavam, apesar de ser sugerida alguma forma de comunicação entre eles e os humanos. [UDM]

¹⁴ Era comum, em muitas nações terráqueas, a presença de servas em algumas casas, a fim de cumprir tarefas básicas de limpeza, manutenção e preparação de provisões alimentares. [UDM]



tas vezes, latia para o nada, de forma que ser um cão de guarda não era sua especialidade.

O cachorro começou a contornar a casa, latindo com os olhos fixos no piso superior. Dentro da cozinha, Tales se movimentou, o que pareceu chamar a atenção de Miro, que voltou correndo para a cozinha.

— Na-na-não! Nem pense que você vai ficar molhado e sujo aqui dentro! Pode ir saindo!

Miro não obedeceu. Tales foi em direção à sala. Sua intenção era pegar a coleira de Miro, que ficava próxima à porta da varanda. Assim que cruzou a soleira da porta, foi seguido por Miro, que tentava impedi-lo de ir naquela direção.

Tales estranhou o comportamento do cão. Miro nunca entrava na sala. Havia sido treinado desse modo. No entanto, lá estava ele, sobre o tapete branco, latindo para as escadas. Pela primeira vez, desde que chegara em casa, Tales sentiu medo.

Seu coração deu um pulo quando ouviu um barulho no andar de cima, vindo da direção de seu quarto. Miro correu e começou a subir as escadas, mas parou no meio do caminho. Assustado, o cão voltou correndo para ficar ao lado de seu dono.

Tales não sabia o que fazer. Por alguns instantes, pensou em ligar para o pai. Mas o que ele diria? “Pai, o Miro está latindo igual um louco, como se tivesse visto alguém aqui dentro de casa...”. O pai responderia, com razão, que não era a primeira vez que o cachorro se comportava daquela maneira. Tales pensou em ligar para Rosa, mas de que adiantaria? Quem sabe, a polícia?

Tudo o que Tales pensava o fazia se sentir ridículo. Tentou se acalmar. Tentou acalmar Miro também:

— Calma, meu amigo. Tá tudo bem... é só o vento. Daqui a pouco passa...

Reunindo um pouco de coragem dentro de si, Tales foi em direção às escadas. Miro veio com ele, mas Tales deu ordens ao cachorro para que ficasse. Se Rosa e o pai vissem as marcas das patas de Miro pela casa, aí é certo que estaria em apuros. Como Miro não obedecia, Tales voltou e apelou à coleira; com muito esforço, conseguiu prender o cachorro na varanda.

Um relâmpago iluminou toda a casa e, logo em seguida, um estrondo fez com que Miro se escondesse e com que Tales se arrepiasse inteiro. Alguns instantes depois, a luz da casa de Tales se apagou. Ele



olhou ao redor e viu que as outras casas também estavam apagadas, bem como os postes nas ruas. “O raio deve ter queimado um transformador”¹⁵⁻¹⁶, ele deduziu. Acendeu a lanterna do celular¹⁷ e foi em direção ao seu quarto.

À medida que subia as escadas, sentia um calafrio. Estava *encucado*¹⁸ com o alvoroço de Miro. “Deixa de besteira, Tales!”, ele falou para si mesmo. E foi, decidido, rumo ao próprio quarto.

Quando chegou no limiar da porta, seu corpo pareceu se congelar por fora e se queimar por dentro. O ar, de repente, não entrava nem saía de seus pulmões, tamanho foi o pânico que se instalou em Tales. Diante dele, parado próximo à porta de vidro da sacada, havia um homem. Ele estava olhando para fora, contemplando a chuva. Tales quis correr antes que o homem o visse, mas seus pés pesavam como chumbo, de modo que ele não tinha forças para se mexer. “Ele vai me ver aqui”, foi o que Tales pensou um segundo antes de o homem se virar em sua direção e mirá-lo nos olhos.

Seu olhar penetrou Tales. O homem não pareceu surpreso ao vê-lo. Ao contrário, parecia esperá-lo. Ficou no lugar onde estava, olhando fixamente para Tales. Era um homem enorme, tanto em altura quanto em volume. Devia ter quase dois metros de altura e tinha um corpo forte, cheio de músculos. Vestia calças jeans e uma camiseta branca. Usava tênis verdes. As cores claras e vivas contrastavam-se com a cor de sua pele, preta como poucas vezes Tales havia visto.

Outro clarão iluminou a noite, revelando os olhos do homem, que brilhavam amarelos como fogo. Logo em seguida, a escuridão voltou. O silêncio não demorou muito a ser quebrado:

— Boa noite, Tales.

Ele sabia o nome do menino.

¹⁵ *O raio deve ter queimado um transformador* – pesquisar depois. [UDM]

¹⁶ A nota anterior, feita por Ud-meguima, é um indício de que ele retornaria ao texto para completar informações e revisar sua tradução. [UBR]

¹⁷ **hemua de** [Olaam antigo] – *auxiliador*. [UBR]

¹⁸ **momoguri** [Olaam antigo] – *repensar antes de pensar*. [UBR]

Unguræ

Tales permaneceu imóvel diante do homem em seu quarto. A sensação de que estava em perigo acentuou-se quando ouviu o seu nome ser dito pela voz grave do invasor. Seus pensamentos pareciam apenas lampejos e ele nem conseguia distinguir o que era ideia e o que era sensação. Pensou em correr, mas não foi o que ele fez, talvez porque sentisse as pernas bambas; ou porque o homem fosse tão maior, que ele seria alcançado antes de chegar às escadas. Talvez o instinto tenha lhe sugerido gritar, mas esse comando também não foi ouvido.

Subitamente, Tales percebeu que já estava em silêncio há um significativo tempo e que o homem permanecia olhando-o firmemente, sem nenhum alarme ou movimento. Sua postura altiva dava a ele o aspecto de quem sabia exatamente o que iria acontecer em seguida. Tales notou que o homem exalava um forte perfume, que parecia familiar, mas ele não conseguia identificar bem de onde conhecia aquele cheiro.

A confusão do olfato pareceu acalmar — ou distrair — Tales por alguns instantes, de modo que ele se assustou ao ouvir a voz do homem novamente.

— Eu não sou uma ameaça. Você não está em uma situação de perigo. Eu conheço você e sua família. Se você disser “vá embora”, eu sumo daqui imediatamente.

As frases saíam da boca do homem de maneira precisa. Como se soubesse exatamente o que precisava dizer. Tales não pôde identificar o sotaque, mas era evidente que se tratava de um estrangeiro.

Pela primeira vez, o homem pareceu buscar as palavras, como se ainda não as tivesse encontrado. Seu olhar ficou vago por um instante, mas logo focou-o novamente em Tales e disse:

— Eu preciso de você.

As palavras do homem pareceram funcionar: o medo de Tales foi substituído por uma conexão que ele não entendeu direito. Tal-



vez fosse apenas curiosidade. O homem continuava olhando para ele, como que esperando uma resposta.

Tales engoliu seco e se preparou para falar. Sua voz tremia quando ele perguntou:

— Quem é você?

A pergunta atingiu o homem como um dardo. Seu semblante mudou, como se ele tivesse percebido uma enorme falta de sua parte.

— Eu sou Rhoda. Perdoe-me por ter esquecido de dizer quem eu sou. Estou um pouco nervoso.

A sinceridade com que aquele homem confessou um erro e uma fraqueza chacoalharam as ideias de Tales. A sua presença súbita e estranha no quarto já não era mais sentida como uma ameaça. Ele continuou:

— Eu venho, há algum tempo, ensaiando este momento, mas todos os resultados, em minha mente, foram desastrosos. Então eu desisti várias vezes de aparecer diante de você. No entanto, sinto que meu tempo se esvai e eu decidi que arriscaria fracassar, que deveria tentar. *Deixei minha cabeça de lado*¹⁹. Segui meu senso de dever e minha coragem.

Rhoda falava lentamente. Ainda que seu sotaque pesasse sobre sua fala, ele a articulava de maneira lógica e precisa, de modo que suas ideias e intenções apareciam com clareza em suas palavras.

— Você fala Português muito bem. De onde você é?

Após uma respiração profunda, Rhoda respondeu o que entendeu serem duas perguntas:

— Eu venho de Ungurae. É outro mundo. Não é aqui, nesse mundo chamado Terra — ele fez uma pausa, como se estivesse se preparando para um momento complicado. — Vou lhe mostrar Ungurae. Acho que pode ser melhor do que tentar explicá-la. Agradeço também pelo elogio. Eu sou mesmo bom em compreender as palavras estrangeiras, mas nem sempre me sinto à vontade em usá-las. Por isso estava inseguro quanto ao que dizer a você.

A cada palavra que Rhoda dizia, Tales tinha mais certeza de que aquele homem não era um homem qualquer. Havia mesmo algo de estranho nele. Contudo, a ideia de que ele fosse de um outro plane-

¹⁹ **caluba ot part em** [Olaam antigo] – *separar os olhares*. [UBR]



ta pareceu totalmente absurda para Tales, que começou a pensar que ele poderia ser apenas *um louco, desses muito inteligentes*²⁰.

— Você deseja ver Ungurae? Eu posso lhe mostrar.

Tales ficou sem saber como reagir. Não soube interpretar o que Rhoda queria dizer com “mostrar”. Porém, sua curiosidade crescia de um jeito que nunca tinha experimentado: sentia-se seduzido pela postura esquisita daquele homem.

— Ok.

— Você quer ver Ungurae?

Tales fez que sim com a cabeça.

— Nós podemos ir até o quintal...

— Como assim? — Tales não compreendeu a proposta de Rhoda.

— Seu quarto tem muito metal. Esta casa tem muito metal. É muito mais difícil usar a *drahiva*²¹ com todo esse metal ao meu redor.

— Mais difícil usar o quê?

Rhoda encarou Tales e percebeu a confusão do menino. Sabia que a incompreensão poderia se converter em desconfiança. Por isso, retomou sua concentração e, de maneira calma, refez o convite:

— Tales, preciso utilizar um dispositivo que não funciona bem perto de ligas metálicas. O quintal da sua casa me parece o lugar próximo mais apropriado para eu tentar acionar esse dispositivo. Por isso, gostaria que você me acompanhasse até lá, para que eu possa mostrar Ungurae a você.

Por um momento, Tales pensou em fazer mais perguntas, mas, *por uma razão que não saberia explicar*²², ele achou que estaria mais seguro no quintal, sob o olhar de Miro.

— Tudo bem. Vamos lá.

Tales voltou-se para o corredor e começou a andar. Lá embaixo, imediatamente, os latidos de Miro tomaram lugar. Logo Tales

²⁰ **nempe** [Olaam antigo] – como são denominados os loucos que possuem habilidades extraordinárias. [UBR]

²¹ **drahiva** [Kartu] – *o que se move ali*. Essa é a primeira aparição da palavra *drahiva* nos “Escritos para Etraz-Quaassa”. Essa é uma das palavras em Kartu que foram preservadas após tantas traduções, embora a versão original não tenha sido escrita em Kartu. Eu, seguindo a intuição e escolha de meus antecessores, preservo-a na língua de Ungurae. [UBR]

²² **in do me in** [Olaam antigo] – essa expressão é utilizada muitas vezes por Ud-meguima ao longo do texto, de modo que fiz diferentes traduções para ela, a fim de mostrar a sua multiplicidade. Pode significar “*por motivos desconhecidos*”, “*por razões inexplicáveis*” ou, também, “*por tendências insondáveis*”. [UBR]



percebeu que Rhoda não se movimentara. Voltou à porta do quarto e perguntou:

— Você não vem?

— Pelas escadas? Quer dizer, por dentro da casa?

— E por onde mais?

Rhoda apurou-se e seguiu Tales até o andar de baixo sob os latidos incessantes do cachorro.

— O Miro está assustado com sua presença. Ele é muito protetor.

— Eu sei. Eu compreendo.

Quando Tales saiu pela porta da varanda dos fundos, Miro tentava freneticamente ir além do alcance de sua coleira, latindo e rodopiando. Tales adiantou-se para acalmar o cachorro, mas antes que o alcançasse, o animal se aquietou, mirando para além de seu dono. Tales acompanhou o olhar de Miro e virou-se para Rhoda.

Rhoda estava agachado, olhando Miro nos olhos. O cachorro caminhou em sua direção lentamente. A coleira não estava mais presa ao gancho onde Tales a havia fixado. Miro aproximou-se cuidadosamente, de maneira investigativa.

Somente quando o cão estava bem perto de si foi que Rhoda afrouxou o olhar e baixou a cabeça. Era como se fizesse uma reverência. Tales não entendeu o que estava acontecendo, mas ficou assombrado quando viu Miro repetir o gesto de Rhoda. Após um breve silêncio, Rhoda e Miro se encararam novamente e Rhoda ficou de pé.

— O centro do quintal é o melhor lugar.

A escuridão da noite ocultava os grossos pingos da chuva. Tales havia se esquecido, mesmo com o vento, os relâmpagos e os trovões, que um temporal açoitava a casa. Achou engraçado que, de repente, estivesse surpreso com a chuva. Pensou que isso já lhe acontecera outras vezes, de não perceber o fora quando o dentro lhe convidava de maneira tão sedutora.

Quando voltou sua atenção para fora novamente, viu que Rhoda estava no meio do gramado do quintal, já ensoado pela água que vinha do céu. De maneira paradoxal, o preto denso de sua pele parecia clarear e suavizar a escuridão. Tales hesitou um pouco antes de sair do abrigo da varanda, mas àquela altura já não havia mais como voltar atrás. Caminhou pelo quintal sentindo o frescor da chuva em seu corpo até se colocar diante de Rhoda.

— Você está muito perto. Recue um pouco — pediu Rhoda.



Tales afastou-se e ficou diante dele, sem saber exatamente o que esperar. Rhoda olhou ao redor, ajeitou os pés no chão, respirou fundo e colocou as mãos diante do próprio corpo, como se segurasse uma caixa invisível. A chuva começava a ceder e, dessa forma, era possível ver melhor a expressão de Rhoda. Só então Tales percebeu que ele parecia fazer algum esforço, mas era impossível distinguir a que ele se direcionava.

De repente, Rhoda expirou fortemente e relaxou o corpo. Em seu rosto, a frustração era visível. Além disso, Rhoda parecia cansado.

— O que foi? — Tales preocupou-se.

— Estou com dificuldades. Não sei bem o porquê. Está mais difícil. Não sei por que vocês usam todo esse metal. Parece uma obsessão. Tem metal em todo lugar.

Tales viu que Rhoda estava também um pouco irritado, além de chateado com o próprio fracasso.

— Rhoda... é assim mesmo que pronuncio seu nome?

Rhoda sorriu e confirmou, meneando a cabeça. Tales, mesmo sem motivo aparente, retribuiu o sorriso. Tales nunca se esqueceria daquele momento, no qual viu Rhoda sorrir pela primeira vez.

— Rhoda, eu vou me afastar um pouco de você, talvez eu esteja atrapalhando.

— Você não atrapalha, Tales. Eu tenho mesmo dificuldades em usar a drahiva fora de Ungurae.

— Você disse que o metal atrapalha, certo?

— Correto.

— Pois é isso então. Eu tenho alguns metais nos pulsos.

Tales ergueu os braços, tentando mostrar cicatrizes, indícios de cirurgias, mas eram muito discretos e, na chuva, praticamente invisíveis.

Rhoda calou-se por alguns instantes. Depois, assumiu novamente a postura de quem tentaria novamente. Porém, antes de começar sua concentração, disse a Tales:

— Não precisa se afastar. É importante que você esteja perto.

Tales, mesmo sem compreender a decisão de Rhoda, obedeceu. De perto, observava os movimentos firmes do homem.

A chuva parou. Talvez tenha sido uma coincidência, talvez não. Um silêncio pareceu se instalar no quintal. Não havia mais os latidos dos cachorros na vizinhança, nem se escutava o ruído característico



da capital. Isso já seria o suficiente para deixar Tales intrigado, mas o que viu a seguir *fez um nó em sua percepção*²³.

Entre as mãos de Rhoda, onde nada havia antes, surgiu um ponto de luz verde. Era um brilho pequeno, mas incandescente, como uma pequena chama. Em questão de segundos, esse pequeno ponto expandiu-se e tornou-se uma esfera translúcida, como uma enorme bolha de sabão. Tales viu que Rhoda estava satisfeito, e que parecia estar conseguindo fazer o que tinha em mente. Em seguida, a esfera foi se achatando, transformando-se em um disco e, por fim, foi como se Rhoda estivesse segurando uma tela redonda. Sem interromper sua concentração, mas fechando os olhos, Rhoda fez um novo esforço, e uma imagem surgiu entre suas mãos, como se estivesse projetada naquele disco. Tales mal podia acreditar no que via.

Na superfície iluminada, apareceu o mar quebrando contra algumas falésias, num lugar que aparentava ser muito frio. Em seguida, uma vila deserta, com ruas bem estreitas e muitas árvores. Depois, uma fortaleza próxima de uma montanha. Na sequência, apareceram céus, construções, cidades; todas as imagens meio tremulantes, invadidas pelo movimento da superfície de luz verde. A sucessão de paisagens recebia a total atenção de Tales quando, num átimo, sumiu.

Diante dele, Rhoda caiu de joelhos ao chão, exausto do tamanho esforço que fizera para utilizar a drahiva. Tales ajoelhou-se perto de Rhoda e tentou ampará-lo:

— Ei! Você está bem? O que eu faço?

Rhoda fez um sinal com a mão de que estava tudo sob controle. Esperou um pouco e, sem olhar para Tales, deitou-se com as costas no gramado. Ele colocou seus olhos no céu, que naquele momento começava a se abrir, mostrando as primeiras estrelas.

— Isso é Ungurae.

Ele ainda respirava com dificuldade. Tales sentou-se no chão perto de Rhoda e lhe perguntou a única dúvida que lhe ocorreu:

— Não há pessoas em Ungurae?

— Não entendi — Rhoda parecia não ter mesmo entendido a pergunta de Tales.

— As imagens que você me mostrou. Não havia pessoas nela. Não tem gente em Ungurae?

²³ **brema faxa** [Olaam antigo] – *pensamentos embolados como algas*. [UBR]



Um olhar introspectivo roubou o semblante de Rhoda, mas ele o sacudiu para fora de si e logo respondeu a pergunta:

— Sim. Muitas. Não tantas como na Terra. Elas deveriam ter aparecido nas imagens — ele fez uma pequena pausa e completou — ou talvez não.

Tales sentiu que deveria fazer a pergunta chave. Rhoda não olhava para ele, e ele estava mais confortável daquele jeito.

— Por que você precisa de mim?

Rhoda imediatamente se sentou de frente para Tales e assumiu um ar sério e solene.

— Ungurae precisa de você.

— E por que Ungurae precisa de mim?

Rhoda pensou um pouco antes de responder:

— Ungurae parece aceleradamente: ignorância, preconceito, medo, ódio, crueldade, destruição, guerra, sede de poder.

— Bem, parece que não está muito diferente da Terra, não é mesmo?

Tales tentou fazer graça, mas Rhoda não riu, pois parecia realmente pensar no que Tales lhe dissera. Como Rhoda não dizia mais nada, Tales continuou:

— Como eu poderia ajudar Ungurae?

Rhoda hesitou em dar a resposta, mas não pôde evitá-la por muito tempo.

— Eu não sei.

— O que você não sabe?

— Eu não sei como você pode ajudar Ungurae.

— Então por que você veio até aqui?

— Eu não sei.

O corpo de Rhoda *se encolheu como se ele fosse uma criança acuada, que não sabe responder as perguntas da professora*²⁴. Tales comoveu-se com a cena. Não quis mais perguntar nada. Não queria pressionar o homem. Tales sabia reconhecer quando alguém estava angustiado e perdido — ele mesmo se sentia assim com frequência — e não queria piorar o sofrimento de Rhoda. Por isso, decidiu que esperaria até que o outro falasse.

Levou ainda algum tempo para que Rhoda recobrasse o ar sério e concentrado. Contudo, quando se dirigiu a Tales, havia sumido

²⁴ **ishi** [Olaam antigo] – *vergonha por não saber a lição*. [UBR]



de sua voz aquela nuance solene e precisa. Suas palavras saíram em um tom confidencial, como se fossem amigos há anos.

— Tales, eu temo que você tenha muitas perguntas importantes para as quais não tenho resposta. Eu realmente não sei como você pode ajudar Unguræ. Queria saber, mas não sei. Para as outras perguntas, eu até penso saber alguma coisa, mas não sei se consigo explicar a você coisas que não entendo completamente. Eu vim até você mais com uma esperança do que com um plano.

Ambos ficaram em silêncio. Algo dentro de Tales lhe dizia para não ir adiante com as perguntas, mas, a certa altura, foi impossível não questionar Rhoda sobre o que ele mais queria saber naquele momento:

— Por que eu? Por que você acha que eu, Tales, posso ajudar Unguræ?

— Eu não sei exatamente o porquê. Mas não tenho dúvidas de que, se há alguém que pode fazer isso, esse alguém é você.

— Por quê? O que você viu em mim pra me escolher?

— Não fui eu que escolhi você. Foi o destino. Há motivos que nos levam a acreditar que você seja um Aum.

— Seja o quê?

— Aum. *Talvez*²⁵, o último Aum.

Um calor correu pelo corpo de Tales. Até aquele momento, ele parecia levar a conversa adiante por curiosidade. Porém, à medida que Rhoda ia falando, as palavras iam tomando ares de verdade, o que passou a assustá-lo. A próxima pergunta, portanto, já não era mais uma mera curiosidade, pois já havia nele uma porção de confiança, de cumplicidade.

— Eu acho que você sabe isso que eu vou falar agora. Mas vou falar do mesmo jeito — Tales tentou imprimir alguma delicadeza em sua fala. — Toda essa história de outro mundo, de eu ser alguém especial, de eu poder fazer alguma coisa por... Unguræ... tudo isso parece conversa de louco.

— Eu não sou louco! — Rhoda asseverou.

— Eu sei — Tales completou rapidamente. — Eu até achei isso no início. Depois achei que *eu* estava ficando louco, quando vi você fazer aparecer aquelas imagens... Eu não estou dizendo que você é

²⁵ **dimor** [Olaam antigo] – *talvez; quase*. Ver nota nº 1. [UBR]



louco. É que tudo parece muito confuso. Eu estou com medo. O susto já passou, mas continuo com medo.

Ao dizer aquelas palavras, Tales viu que era verdade o que saíra de sua boca. Estava com medo. A aparição daquele homem misterioso, aquele estranho poder que ele tinha, além da escuridão que parecia se esticar sobre ele.... tudo isso o deixava com medo.

— Eu não queria que você sentisse medo. Eu queria que você sentisse coragem. Deu tudo errado.

Agora, Rhoda parecia ter raiva de si mesmo. Tales queria explicar alguma coisa, mas não sabia o quê, então disse isso:

— Talvez eu não seja a pessoa que vá ajudar Ungurae. Se eu tivesse algum poder pra resolver problemas tão grandes, eu juro que já teria começado a fazer alguma coisa pela Terra. Mas não tenho.

— Você tem! — Rhoda foi incisivo — Eu posso não saber várias coisas, mas essa eu sei. Você tem poder. Um poder diferente. E, se você for a Ungurae, seu poder será ainda maior. Disso eu tenho certeza. *Certeza absoluta*²⁶.

Tales foi abalado pela convicção das palavras de Rhoda. Ele queria que aquilo fosse verdade e também queria que aquilo tudo fosse mentira.

— Você está dizendo que quer que eu viaje para Ungurae com você?

Mais uma vez, Rhoda foi surpreendido por si mesmo. Não havia dito a Tales que sim, que ele pretendia levar Tales consigo para Ungurae.

— Sim. Sim, é para isso que estou aqui. Para lhe dizer que Ungurae precisa de você... lá.

Tales cobriu o rosto com as mãos e começou a rir.

— Rhoda, isso não vai acontecer. Meu pai nunca vai deixar eu viajar com um estranho, ainda mais se você falar que vai me levar pra outro planeta. A Rosa então vai surtar! — e Tales riu pensando na situação.

Rhoda provavelmente compreendia Tales. Contudo, não conseguia rir, pois sabia que o destino de Ungurae dependia daquele menino. Dependia também dele, pois tinha que convencê-lo a ir consigo.

— Você não precisa pedir permissão a eles.

— Você não faz ideia do que você está falando...

²⁶ **namer o mane** [Olaam antigo] — o dito que se sabe fora de si. [UBR]



A luz voltou. Miro latiu um pouco, mas logo se aquietou. Ao redor dos dois, as luzes cintilaram por todos os lados. Na casa de Tales, nos vizinhos, nos postes e também nos prédios.

— Acho melhor você ir embora...

— Sem você?

Tales fez que sim. Rhoda tinha uma expressão indecifrável. Seus olhos não estavam focados em nada. Estava tão dentro de si mesmo que Tales não ousou falar mais nada. Após longos minutos, Rhoda voltou a falar.

— Eu compreendo sua recusa, Tales. Eu realmente compreendo. Ela é sensata e honesta. De certo modo, em algum lugar do meu *coração*²⁷, eu não quero levar você para Ungurae, porque quero que você fique aqui, vivendo sua vida de maneira segura. Em vez de batalhas e tramas, quero que você passe tardes felizes com a Lia e o Tito, e que receba o amor de seu pai e de Rosa. Mas é imperioso que eu clame, que eu implore, para que você reflita sobre meu convite. Faça a você essa proposta com humildade e esvaziado de qualquer interesse pessoal, pois sou movido também por um temor: de ver Ungurae e seus filhos destruídos pela própria estupidez.

Ao ouvir o nome de Lia e Tito, bem como a menção à Rosa e seu pai, Tales se inquietou, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Rhoda prosseguiu:

— Terça-feira, dia 20, é o dia ideal para que possamos fazer a viagem para Ungurae com segurança. Peço que, até lá, repense minha proposta. De minha parte, prometo que voltarei aqui munido de mais respostas.

A determinação de Rhoda tinha uma pitada de serenidade, como se tivesse feito um esforço para ficar calmo, como as pessoas inteligentes fazem em momentos de emergência. Tales o encarava sem saber como reagir.

Rhoda assumiu uma postura que Tales já vira: pés firmes no chão, corpo ereto, intenção concentrada. Dessa vez, suas mãos estavam abertas, espalmadas ao lado do corpo. Uma leve luminosidade verde emanou dele, e em um segundo sua roupa secou-se da água da chuva.

— Uau! — Tales não se conteve.

²⁷ Na cultura de Tales, usa-se o coração, e não a barriga, como metáfora para a morada dos sentimentos. Rhoda parece estar atento a esse detalhe, pois utiliza a expressão por diversas vezes. [UDM]



No rosto de Rhoda, surgiu uma expressão marota, o que pareceu lhe renovar alguns anos, como se algo tivesse se acendido dentro dele. Continuou a falar, mas com um meio sorriso nos lábios.

— Tales, vou lhe dizer mais duas coisas: uma boa e uma ruim. Qual você quer eu fale primeiro?

O tom de leveza perpassou a pergunta. A conversa parecia ir para um lugar mais fácil, pensou Tales.

— Fala primeiro a ruim. Deixa a boa pro final.

Rhoda riu, como se Tales tivesse feito a escolha certa.

— A travessia entre a Terra e Ungurae é perigosa. Quase todos que tentam fazê-la, morrem — Tales arregalou os olhos. — Calma, não se alarme. É certo que, se você decidir ir, você sobreviverá à travessia. No entanto, é certo também que quando chegarmos a Ungurae, você experimentará um dia inteiro de fadiga e falta de ar, e talvez uma semana de tonturas. Sem falar, é claro, no mais triste: você perderá a memória.

Tales riu de maneira contida.

— É sério — Rhoda advertiu. — Esses são alguns dos efeitos da travessia.

— Bem, essa é mesmo uma notícia ruim, Rhoda. Talvez não tenha sido a melhor maneira de me convencer.

Rhoda ficou sério. Não pelo que Tales disse, mas pelo que estava prestes a dizer:

— Quer ouvir a coisa boa?

— Acho que é o melhor que tá tendo, né?

Antes de falar, Rhoda mirou Tales com aqueles seus olhos amarelos, como se fossem centelhas crepitantes.

— Eu conheci sua mãe. Talvez ela esteja em Ungurae.

Foi como se Tales tivesse levado um soco no estômago. Ouvir sobre sua mãe era sempre melancólico, pois falavam dela com saudade e pesar. E mistério. Tales nunca soube exatamente o que acontecera com ela. Naquela noite, porém, a memória de sua mãe fora evocada de outra maneira, como se ela estivesse viva. Aquela novidade fez com que Tales perdesse o chão por alguns instantes.

Se tivesse havido tempo, ele teria enchido Rhoda de perguntas, mas não houve. Rhoda tomou um impulso e saltou no ar. Seus braços estavam cruzados diante do peito, com as mãos fechadas em punho. O ar pareceu se mover ao redor de Tales e, em seguida, Rhoda sumiu.



Miro latiu e correu em direção a Tales. Sem pensar, ele se abaixou e começou a acariciar o cão, que se enroscou em suas pernas, de maneira afetuosa.

A cabeça de Tales estava cheia, parecia que iria explodir. Todavia, em seu peito, parecia haver um vazio. Ou melhor, dois vazios: um antigo e um novo.